

Estamos algures na década de 1930. No Kis Pipa, bar de Budapeste, um homem vestido a preceito vai tocando ao piano a mais triste melodia: "Szomorú Vasárnap", assim, de título difícil. Dias depois, um cadáver é encontrado, envenenado. Junto ao corpo, uma nota suicida. Duas palavras: "Szomorú Vasárnap". Esta história podia bem ter acontecido.

Deixemo-nos de vocábulos ingremes e passemos a chamar-lhe "Gloomy Sunday", título em inglês que acabaria por tomar conta da canção escrita em 1933 pelo compositor húngaro Rezső Seress e com letra do seu amigo e poeta László Jávör. A história é um novelo em que o facto se confunde com a lenda. Na Web, multiplicam-se textos e vídeos que dão conta da relação entre o tema e vários suicídios. A começar pelo do seu autor.

Aviso: entrámos em território de mito. Rezső Seress, pianista e compositor sem centelha de sorte que lhe permita ganhar com o que toca, compôs num domingo chuvoso "Gloomy Sunday". E foi também num domingo de 1968 que decidiu matar-se, atirando-se da janela do seu apartamento em Budapeste.

Nos anos 1930 os tempos eram de depressão económica e perfilava-se em antecâmara a II Guerra Mundial.

Os suicídios sucediam-se e alguns foram ligados à canção de Seress. Fosse por serem encontrados defuntos com bilhetes contendo a letra, fosse porque um gramofone tocava "Gloomy Sunday" ao lado de uma janela aberta e de um corpo estatelado lá em baixo. Há na Hungria aquilo a que sociólogos chamam "culto do suicídio". Em 2001, a taxa continuava a ser uma das mais altas do mundo (atesta a Organização Mundial de Saúde.) Mas não contaminamos o mito com dados numéricos.

Depressa a notícia da "canção suicida húngara" se propagou - existem versões em inglês, sueco, chinês, francês, castelhano e japonês. Nos EUA apareceram duas traduções. A de Desmond Carter, mais próxima do original, foi a escolhida pelo cantor (e actor e atleta...) Paul Robeson em 1935 e a primeira a ser difundida. Sam M. Lewis faria outra tradução do "hino suicida", menos trágica e com uma adenda final optimista - seria esta a que Billie Holiday e a maioria dos seus sucessores escolheriam. "Dreaming, I was only dreaming / I wake and I find you asleep", diz a versão de Lewis já perto do final, tentando amenizar um "My heart and I / Have decided to end it all" que vem antes. Ainda assim, a canção seria banida das grelhas de diversas rádios.

"Quando a ouvi decidi cantá-la. Parecia ter nascido ali para ser cantada no registo baixo da minha música" Diamanda Galás

Mas a regra - no caso, a de seguir a tradução mais costumeira - quebrou-se. Diamanda Galás, com a sua voz de três oitavas, preferiu a de Carter. "Sadly one sunday" em vez de "Sunday is gloomy" no arranque; "The earth and the flowers / Are forever above me" a meio e um final com "Last of all sundays" que não existe na outra versão. Porque Diamanda decide cantar um tema apenas "quando este se torna emocionalmente um imperativo", diz que "Gloomy Sunday" é simplesmente "a canção perfeita".

De volta aos palcos nacionais para actuar em Braga (dia 6), Porto (8) e Lis-

boa (10), a cantora juntou-se em 1993 a Artie Shaw, Louis Armstrong, Ricky Nelson, Genesis ou Ray Charles na extensa lista de intérpretes da canção de Rezső Seress, ao gravar "Gloomy Sunday" para o disco "Judgment Day" (1993). "Foi tocada para mim por um amigo em 1992, embora eu tenho a certeza que a toquei 20 anos antes na banda do meu pai", conta a performer e pianista ao Ípsilon, por e-mail. "Quando a ouvi decidi cantá-la. Parecia ter nascido ali para ser cantada no registo baixo da minha música".

Galás, norte-americana de origem grega, parece a intérprete perfeita para "Gloomy Sunday". Seja pelos imaginários tenebrosos que aborda, com temas como a sida e os genocídios étnicos, seja pela estética e voz perturbante - Annie Leibowitz, que a fotografou nua e pendurada numa cruz, disse em entrevista que ela é "uma performer do tipo demoníaco".

Nos últimos trinta anos foram muitos os intérpretes que revisitaram "Gloomy Sunday". Billy MacKenzie, vocalista dos The Associates - duo que no álbum "Sulk" (1981) fez uma versão da canção -, matou-se com uma "overdose" de medicamentos. Seguiram-se-lhe, não na morte auto-infligida mas nas versões, Serge Gainsbourg, Sinéad O'Connor ou Sarah

Brightman. Também Bjork, que em Agosto aterrta no Sudoeste, tem uma versão, inserida na coletânea "Stormy Weather" (1999).

A referência de todas estas versões? A de Billie Holiday. Mas Diamanda Galás faz questão de frisar que "a canção não tem nada a ver com Billie Holiday" e que essa versão "é apenas a mais difundida, aquela que mais pessoas cantam. A canção continua a ser tocada num restaurante muito particular na Hungria e faz parte da cultura do país", prossegue Galás.

Voltamos então ao Kis Pipa, bar da cosmopolita Budapeste: há um homem que não sabemos como está vestido mas cujos dedos ainda revisitam o tema de Seress. Não consta que a assistência se preocupe com eventuais efeitos nefastos.

Ver agenda de concertos pág. 55 e segs.

Para este texto foram consultados os sites <http://www.phespirit.info/> http://en.wikipedia.org/wiki/Gloomy_Sunday <http://www.unsolvedmysteries.com/usm348682.html> http://www.saidthegramophone.com/archives/the_suicide_song.php

Música



PAULO FREITAS

Histórias sobre uma canção perfeita

A lenda urbana deu-lhe o título de "canção suicida". Diamanda Galás, que regressa a Portugal para três concertos, disse ao Ípsilon que é "a canção perfeita". Promete cantá-la por cá. *Hélder Beja*



Billie Holiday imortalizou "Gloomy Sunday", mas não é esse o modelo que serve de referência à versão de Diamanda Galás